

Percepções dos estudantes ingressantes no curso de Química da Universidade Federal de Viçosa sobre a relevância dos espaços não formais de ensino: (des)vantagens para o processo formativo

Adão Edson de Barcelos Júnior^{(1)*} (IC) adao.junior@ufv.br, Camila de Bastos el Semidi⁽²⁾ (IC), Rayane Cristian Ferreira Silva⁽³⁾ (IC), Vinícius Catão de Assis Souza⁽⁴⁾ (PQ)

(1), (2), (3) e (4) Universidade Federal de Viçosa – Avenida Peter Henry Rolfs, s/n, Departamento de Química, Campus Universitário, Viçosa-MG, CEP: 36570-000.

Palavras-Chave: Educação Química, Espaços não formais de ensino, Percepções dos estudantes.

Introdução e Metodologia

De acordo com Jacobucci (2008), os *espaços não formais de ensino* se relacionam a lugares onde seria possível desenvolver atividades educativas complementares as que são realizadas em sala de aula. Gohm (1999) destaca que o processo formativo dos estudantes pode ser dividido em *educação escolar formal, informal e não formal*. A *educação não formal* pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em qualquer outro espaço onde as atividades são desenvolvidas de forma direcionada, com um objetivo definido pelo professor. De acordo com Vasconcelos e Souto (2003), a aula em *espaços não formais* pode despertar um maior interesse nos conteúdos, de modo a estabelecer relações efetivas destes com os contextos sociais, ambientais e tecnológicos. Na perspectiva dos estudantes, Vieira (2002) destaca que os conteúdos, quando trabalhados em espaços adequados para esse fim, são mais facilmente assimilados e que o convívio social, tanto com seus colegas quanto com seus professores, torna-os mais estimulados a apre(ender). Considerando esses aspectos, o presente trabalho discutirá a seguinte questão: *Quais as (des)vantagens em se trabalhar na Educação Básica propostas de ensino implementadas em espaços não formais, quando comparado com o espaço formal (a sala de aula)?*

A referida pesquisa foi realizada com 55 estudantes do primeiro período do curso de Química (Diurno), da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Os dados foram coletados por meio de questionário, cujas respostas foram transcritas e analisadas.

Resultados e Discussão

Dos estudantes pesquisados, 46% já participaram de atividades em *espaços não formais* durante o Ensino Médio e Fundamental.

Em relação às vantagens dos *espaços não formais de ensino*, 53% dos estudantes consideraram a possibilidade de contextualização do conteúdo nesses espaços (relacionar teoria e prática). A construção de novos saberes e a facilidade em aprender também foram apontadas como vantagens por 13% e 11% dos estudantes, respectivamente.

Em relação às desvantagens, 40% acreditam que há uma grande dispersão nesses espaços e 11% pensam que restringe o conteúdo teórico dado em

sala de aula. Um dos estudantes (A18) destacou o custo dessas atividades. Dentre as respostas apresentadas, destacamos a do estudante A29, que escreveu: *“A maior vantagem é que os espaços não formais de educação prendem a atenção do aluno porque ele está vendo a Química em prática, acontecendo com coisas do seu dia a dia, facilitando o aprendizado. A desvantagem é que não se pode apenas ter aulas nos espaços não formais, porque é preciso aprender a teoria. Portanto, essas aulas devem ser usadas como um complemento à educação do aluno”*.

Conclusões

A análise das respostas apresentadas pelos estudantes nos permite inferir que as atividades realizadas em *espaços não formais* parecem ser pouco valorizadas pelas escolas, estando as aulas ainda alicerçadas no modelo tradicional da transmissão-recepção de informações prontas. Isso foi verificado inclusive nas respostas dos estudantes oriundos de escolas particulares, com 58% declarando nunca terem participado de atividades educativas em *espaços não formais de ensino*. Ressaltamos que existem atividades que podem ser realizadas em *espaços não formais* e são bastante acessíveis, seja na própria escola (laboratório, cantina etc.) ou no seu entorno (praças, jardins, centros comunitários e de cultura etc.). Por fim, cabe ressaltarmos que os estudantes pesquisados podem ter entendido como *espaços não formais de ensino* apenas aqueles classificados por Jacobucci (2008) como os institucionais (Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos e Zoológicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos etc.), limitando assim suas respostas.

Agradecimentos

Aos estudantes participantes da pesquisa e a UFV.

JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação Da Cultura Científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v.7, 55-66, 2008.

GOHM, M.G. **Educação não-formal e cultura política. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

VIEIRA, V. **Análise de espaços não-formais e sua contribuição para o ensino de ciências**. Tese de doutoramento, IBqM, UFRJ, 2005.

VASCONCELOS, S.D. & SOUTO, E. O livro didático de ciências no ensino fundamental – proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico. **Ciência & Educação**, v.9, 93-104, 2003.